

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

**Fé e Ação Social nas Periferias Urbanas: o Caso da Igreja  
Apostólica Tabernáculo da Glória na Comunidade de  
Paraisópolis**

BIANCA MARIA BARBOZA

SÃO PAULO  
2025

BIANCA MARIA BARBOZA

# **Fé e Ação Social nas Periferias Urbanas: o Caso da Igreja Apostólica Tabernáculo da Glória na Comunidade de Paraisópolis**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia da Faculdade Teológica Batista de São Paulo (FTBSP).

Professor Dr. Luciano Alves

SÃO PAULO  
2025

## RESUMO

O presente estudo analisa a atuação da Igreja Apostólica Tabernáculo da Glória, localizada na comunidade de Paraisópolis, São Paulo, com foco nas transformações vivenciadas por seus membros a partir da inserção em práticas religiosas pentecostais. A pesquisa parte de uma abordagem qualitativa e empírica, ancorada na observação participante e no relato de vivências diretas da autora no contexto investigado. O objetivo principal foi compreender como a experiência comunitária e religiosa impacta a vida pessoal, emocional, espiritual e social dos indivíduos, especialmente jovens, promovendo inclusão, formação e cidadania. A investigação percorre a história do pentecostalismo nas periferias urbanas e identifica o papel da igreja na reconfiguração de trajetórias marcadas por vulnerabilidades. Os dados demonstram que a igreja não apenas cumpre sua função espiritual, mas também opera como espaço formativo, oferecendo recursos, vínculos e práticas de cuidado que reverberam na vida cotidiana dos participantes. Ministérios como mídia, ação social, louvor, visita aos lares e infantil são analisados como ferramentas pedagógicas informais de transformação. Observa-se que a linguagem popular adotada nos cultos e o acolhimento das lideranças reforçam a identidade coletiva e a permanência dos fiéis. Conclui-se que, em Paraisópolis, a fé pentecostal é vivida como prática cotidiana de solidariedade, cuidado e inclusão, transcendendo o templo e assumindo dimensões sociais significativas.

**Palavras-chave:** Pentecostalismo. Comunidade. Paraisópolis. Formação. Inclusão.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	5
2 A COMUNIDADE .....	7
3 FÉ E OBRAS .....	19
4 ATUAÇÃO DA IGREJA NA COMUNIDADE .....	23
CONCLUSÃO.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	34

# 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema a atuação das igrejas pentecostais como agentes de suporte social na comunidade de Paraisópolis, localizada na zona sul da cidade de São Paulo. A pesquisa tem como foco principal a Igreja Apostólica Tabernáculo da Glória, com o intuito de compreender como sua ação pastoral e comunitária contribui para a reintegração social de indivíduos em situação de vulnerabilidade, especialmente no contexto de ausência do Estado.

Paraisópolis abriga mais de cem mil habitantes e é marcada por uma intensa desigualdade urbana, evidenciada pelo contraste com os bairros adjacentes, como o Morumbi. Em meio a esse cenário, diversas igrejas pentecostais têm desempenhado funções que vão além do aspecto religioso, atuando diretamente em áreas como acolhimento a dependentes químicos, assistência a vítimas de violência doméstica, insegurança alimentar e abandono social. Tais ações, embora muitas vezes informalmente organizadas, operam como mecanismos de resgate da dignidade humana, especialmente entre jovens e adultos privados de suporte familiar, psicológico ou institucional.

A problematização que orienta esta pesquisa pode ser formulada nos seguintes termos: de que modo as ações da Igreja Apostólica Tabernáculo da Glória, em Paraisópolis, suprem as lacunas deixadas pelo Estado e pela liderança comunitária, contribuindo para a transformação individual e social de seus membros? Essa questão se sustenta na hipótese de que a fé cristã, expressa por meio de práticas de solidariedade e acolhimento, pode funcionar como vetor de ressocialização e reintegração comunitária.

O objetivo geral deste estudo é analisar a contribuição da Igreja Apostólica Tabernáculo da Glória para a vida social dos moradores de Paraisópolis, com atenção especial àqueles em situação de vulnerabilidade social. Como objetivos específicos, destacam-se: (a) descrever o contexto socioeconômico da comunidade de Paraisópolis; (b) identificar as estratégias e práticas sociais utilizadas pela referida igreja no atendimento à população; e (c) compreender os impactos dessas ações na trajetória dos membros e ex-membros.

A justificativa deste trabalho reside na lacuna existente entre a atuação efetiva de comunidades religiosas e a percepção pública e acadêmica sobre elas.

Frequentemente, as igrejas pentecostais são retratadas de forma estereotipada (como espaços de emocionalismo e alienação), o que invisibiliza sua atuação prática em territórios negligenciados pelo poder público. Esta pesquisa busca, portanto, contribuir para uma análise mais equilibrada e empírica sobre a ação das igrejas pentecostais, tomando como base a vivência concreta de uma comunidade eclesial local.

Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa, fundamentado em revisão bibliográfica e pesquisa de campo. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, aplicadas a membros, ex-membros e lideranças da Igreja Apostólica Tabernáculo da Glória, localizada na Rua Manoel Antônio Pinto, 387, Vila Andrade, São Paulo (SP), região de Paraisópolis. O foco principal das entrevistas foi a compreensão do impacto social da atuação da igreja, especialmente nos casos de indivíduos afetados por dependência química, abandono familiar, pobreza extrema, violências estruturais ou outras formas de exclusão.

A base teórica adotada parte da Carta de Tiago, que aborda de maneira incisiva a relação entre fé e obras no cristianismo, servindo de referencial para discutir a atuação prática da igreja no contexto urbano periférico. Considera-se, portanto, que a atuação eclesial analisada não se limita a uma abordagem evangelística, mas incorpora dimensões sociais, afetivas e morais que contribuem significativamente para a recomposição de vínculos e reconstrução de trajetórias pessoais.

## 2 A COMUNIDADE

De acordo com Buber (2008, *apud* Maffra, 2012), a comunidade de Paraisópolis, situada na zona sul da cidade de São Paulo, revela uma identidade complexa, constituída a partir da interseção entre diferentes tempos históricos e grupos sociais que se entrelaçam ao longo de sua formação. Essa comunidade, uma das maiores favelas do Brasil, apresenta, segundo o autor, uma “mensagem” simbólica que pode ser interpretada como a confluência de dois povos e dois momentos distintos, cujo entrelaçamento confere ao território suas características singulares.

Nos primeiros tempos, conforme essa leitura, o funcionamento social da comunidade era guiado por uma lógica utilitarista. As relações estabelecidas entre os moradores baseavam-se, predominantemente, em interesses práticos e imediatos, voltados à sobrevivência em meio à escassez de recursos, à precariedade habitacional e à ausência de políticas públicas. A busca por moradia, segurança mínima e acesso a serviços básicos moldava os vínculos sociais, que se organizavam em torno da necessidade. A figura 1 apresenta uma foto aérea da região.

Figura 1 Foto aérea de Paraisópolis contrastando com edifícios de alto padrão no Morumbi.



**Fonte:** Vieira, Tuca. *Paraisópolis*, 2004. Disponível em: <https://www.tucavieira.com.br/paraisopolis>. Acesso em: 13 maio 2025

Segundo Maffra (2012, p. 39), a atual comunidade de Paraisópolis, uma das maiores favelas da cidade de São Paulo, tem suas origens em uma antiga fazenda. A etimologia do nome remete a uma combinação simbólica de significados: a palavra “Paraisópolis” é formada por dois elementos - *paraíso*, que designa, em sua origem, um jardim fechado, protegido e fértil, associado à ideia de plenitude, acolhimento e bem-estar; e *pólis*, termo grego que remete à noção de cidade como espaço de convivência política entre cidadãos livres e iguais, marcados pela capacidade de diálogo e construção coletiva da vida pública. A justaposição desses dois elementos sugere, portanto, uma cidade ideal, um “paraíso urbano” que, na prática, contrasta com a realidade socioeconômica vivenciada por seus moradores.

Localizada na região do Morumbi (área tradicionalmente reconhecida por abrigar setores da elite paulistana), Paraisópolis desenvolveu-se de forma não planejada, mas com um processo histórico que, segundo a autora, possui início, meio e continuidade, contrariando a ideia equivocada de que as favelas surgem apenas por ocupações desordenadas. Maffra (2012) argumenta que a constituição da comunidade não se deu de forma aleatória ou espontânea, mas resultou de uma série de transformações territoriais e disputas fundiárias, cuja complexidade exige compreensão detalhada.

Ainda segundo a autora, o próprio Morumbi, onde Paraisópolis se insere lateralmente, tem um significado ancestral em tupi-guarani: “colina verde”. Essa área foi inicialmente ocupada por padres jesuítas, que ali desenvolveram atividades agrícolas e missionárias. Em 1750, no contexto da política de expulsão dos jesuítas promovida pelo Marquês de Pombal, essas terras passaram ao domínio da Coroa Portuguesa. Posteriormente, o rei Dom João VI transferiu a posse do local para o empresário britânico John Maxwell, conhecido por introduzir o cultivo de chá da Índia no Brasil, que permaneceu com a propriedade até 1825.

Ao longo do século XIX e início do século XX, a antiga fazenda passou por sucessivas fragmentações e transferências de propriedade, até ser adquirida, em 1940, pela Companhia Imobiliária Morumbi. Essa empresa se tornou responsável pela comercialização dos lotes restantes da área, com o objetivo de desenvolver empreendimentos voltados às classes altas, especialmente a partir da década de 1930, quando se intensificou a ocupação elitizada do entorno. O processo ganhou impulso com a construção do Palácio do Governo, também conhecido como Palácio do Morumbi, que consolidou o status político da região.

Contudo, o projeto de ocupação voltado à elite enfrentou contratempos. Muitos dos lotes vendidos não chegaram a ser efetivamente ocupados, por motivos diversos: topografia acidentada, morros de difícil acesso, ausência de infraestrutura básica e especulação imobiliária. Essas condições favoreceram processos de grilagem e ocupações informais, marcados pela indefinição sobre a titularidade da terra. Nesse contexto, a região tornou-se propícia à ocupação popular, configurando um processo típico de formação de favela em áreas valorizadas.

Foi nesse cenário que, a partir de 1923, chegaram os primeiros migrantes nordestinos à localidade. Esses migrantes protagonizaram as primeiras ocupações no Loteamento Paraisópolis, estabelecendo os barracos iniciais e consolidando a presença da população trabalhadora no território. Em cerca de uma década, já havia registros documentais da existência de habitações precárias, predominantemente construídas com madeira, consolidando as bases da comunidade.

Segundo dados da Secretaria Municipal de Habitação (2011), a presença de favelas na cidade de São Paulo remonta à década de 1920. No entanto, a estigmatização dessas formas de moradia popular só se intensificou a partir da década de 1980, quando o crescimento urbano desordenado passou a ser interpretado sob a ótica da “irregularidade” e da “marginalidade social”.

Atualmente, Paraisópolis está inserida na subprefeitura do Campo Limpo, fazendo parte do distrito da Vila Andrade. Apesar de sua localização geográfica próxima a uma das áreas mais valorizadas de São Paulo, a comunidade convive com profundas desigualdades estruturais. Esse contraste evidencia, mais uma vez, a complexidade urbana paulistana, na qual espaços de extrema precariedade convivem lado a lado com condomínios de alto padrão e infraestrutura sofisticada.

Ao recuperar a trajetória histórica de Paraisópolis, compreende-se que sua configuração atual não resulta apenas de omissões do poder público ou da informalidade habitacional, mas sim de um processo histórico marcado por interesses econômicos, migrações internas, disputas por território e resistência social. Essa história revela, portanto, uma comunidade que, mesmo à margem da lógica urbana formal, construiu-se por meio de vínculos, práticas culturais e redes solidárias que sustentam sua permanência e reinvenção.

Localizada na região do Morumbi (área tradicionalmente reconhecida por abrigar setores da elite paulistana), Paraisópolis desenvolveu-se de forma não planejada, mas com um processo histórico que, segundo a autora, possui início, meio

e continuidade, contrariando a ideia equivocada de que as favelas surgem apenas por ocupações desordenadas. Maffra (2012) argumenta que a constituição da comunidade não se deu de forma aleatória ou espontânea, mas resultou de uma série de transformações territoriais e disputas fundiárias, cuja complexidade exige compreensão detalhada.

Ainda segundo a autora, o próprio Morumbi, onde Paraisópolis se insere lateralmente, tem um significado ancestral em tupi-guarani: “colina verde”. Essa área foi inicialmente ocupada por padres jesuítas, que ali desenvolveram atividades agrícolas e missionárias. Em 1750, no contexto da política de expulsão dos jesuítas promovida pelo Marquês de Pombal, essas terras passaram ao domínio da Coroa Portuguesa. Posteriormente, o rei Dom João VI transferiu a posse do local para o empresário britânico John Maxwell, conhecido por introduzir o cultivo de chá da Índia no Brasil, que permaneceu com a propriedade até 1825.

Ao longo do século XIX e início do século XX, a antiga fazenda passou por sucessivas fragmentações e transferências de propriedade, até ser adquirida, em 1940, pela Companhia Imobiliária Morumbi. Essa empresa se tornou responsável pela comercialização dos lotes restantes da área, com o objetivo de desenvolver empreendimentos voltados às classes altas, especialmente a partir da década de 1930, quando se intensificou a ocupação elitizada do entorno. O processo ganhou impulso com a construção do Palácio do Governo, também conhecido como Palácio do Morumbi, que consolidou o status político da região.

Contudo, o projeto de ocupação voltado à elite enfrentou contratemplos. Muitos dos lotes vendidos não chegaram a ser efetivamente ocupados, por motivos diversos: topografia acidentada, morros de difícil acesso, ausência de infraestrutura básica e especulação imobiliária. Essas condições favoreceram processos de grilagem e ocupações informais, marcados pela indefinição sobre a titularidade da terra. Nesse contexto, a região tornou-se propícia à ocupação popular, configurando um processo típico de formação de favela em áreas valorizadas.

Foi nesse cenário que, a partir de 1923, chegaram os primeiros migrantes nordestinos à localidade. Esses migrantes protagonizaram as primeiras ocupações no Loteamento Paraisópolis, estabelecendo os barracos iniciais e consolidando a presença da população trabalhadora no território. Em cerca de uma década, já havia registros documentais da existência de habitações precárias, predominantemente construídas com madeira, consolidando as bases da comunidade.

Segundo dados da Secretaria Municipal de Habitação (2011), a presença de favelas na cidade de São Paulo remonta à década de 1920. No entanto, a estigmatização dessas formas de moradia popular só se intensificou a partir da década de 1980, quando o crescimento urbano desordenado passou a ser interpretado sob a ótica da “irregularidade” e da “marginalidade social”.

Atualmente, Paraisópolis está inserida na subprefeitura do Campo Limpo, fazendo parte do distrito da Vila Andrade. Apesar de sua localização geográfica próxima a uma das áreas mais valorizadas de São Paulo, a comunidade convive com profundas desigualdades estruturais. Esse contraste evidencia, mais uma vez, a complexidade urbana paulistana, na qual espaços de extrema precariedade convivem lado a lado com condomínios de alto padrão e infraestrutura sofisticada.

Ao recuperar a trajetória histórica de Paraisópolis, compreende-se que sua configuração atual não resulta apenas de omissões do poder público ou da informalidade habitacional, mas sim de um processo histórico marcado por interesses econômicos, migrações internas, disputas por território e resistência social. Essa história revela, portanto, uma comunidade que, mesmo à margem da lógica urbana formal, construiu-se por meio de vínculos, práticas culturais e redes solidárias que sustentam sua permanência e reinvenção.

A desigualdade notória entre Paraisópolis e o bairro nobre do Morumbi tornou-se especialmente evidente a partir da década de 1970, quando o crescimento populacional acelerado e a ausência de políticas públicas estruturantes acentuaram a ocupação informal do território (Maffra, 2012). Enquanto o Morumbi consolidava-se como reduto das elites paulistanas, com condomínios fechados, infraestrutura sofisticada e forte valorização imobiliária, Paraisópolis expandia-se por meio de ocupações autônomas em áreas não regularizadas, com escassez de serviços públicos e infraestrutura urbana mínima.

Nesse contexto, a urbanização das favelas no Brasil passou a ser uma pauta de crescente relevância política e social. Dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) indicam que cerca de metade da população mundial (aproximadamente 3,5 bilhões de pessoas) já vive em áreas urbanas, e que esse número poderá alcançar 60% até 2030. Entre os desafios mais significativos, está o aumento contínuo do número de habitantes em favelas, que já ultrapassa 828 milhões de pessoas em todo o mundo. Esse crescimento traz consequências diretas para os sistemas urbanos, gerando pressão sobre a oferta de água potável, coleta e

tratamento de esgoto, fornecimento de energia e serviços de saúde pública, ampliando as tensões entre sustentabilidade ambiental e bem-estar coletivo.

No Brasil, os dados refletem essa tendência global. Segundo o IBGE (2018), em 2010 cerca de 80% da população brasileira já residia em áreas urbanas. Apesar disso, grande parte desses centros urbanos sofre com problemas estruturais: precariedade habitacional, transporte público insuficiente, ausência de regularização fundiária, altos índices de insegurança e carência de equipamentos públicos. Muitas habitações não possuem iluminação elétrica adequada, coleta regular de lixo, acesso contínuo à água potável ou rede de esgotamento sanitário.

Apesar das dificuldades, algumas iniciativas passaram a ser implementadas a partir dos anos 1990 com vistas à urbanização das favelas e melhoria das condições de vida de seus moradores. Até o início dos anos 2000, estima-se que cerca de oito mil famílias tenham sido beneficiadas por programas habitacionais voltados para comunidades de baixa renda (Denaldi, 2003).

É nesse cenário que se insere o Programa de Urbanização de Favelas da cidade de São Paulo, que ganhou destaque na primeira década do século XXI. A favela de Paraisópolis foi uma das áreas contempladas por esse programa, conforme relatado por Figueiredo (2021), devido à sua complexidade urbana e densidade populacional elevada.

Ainda de acordo com Maffra (2012), a comunidade de Paraisópolis passou a contar, ao longo dos anos, com uma série de serviços e iniciativas voltadas à melhoria da qualidade de vida da população. Um dos principais atores nesse processo foi a União de Moradores e do Comércio de Paraisópolis (UMCP), criada em 1983. Essa entidade, considerada a mais influente entre as cinco principais organizações locais, reúne mais de mil associados e realiza o cadastro de cerca de nove mil estabelecimentos comerciais. Sua atuação abrange desde atividades administrativas e educativas até iniciativas voltadas para geração de renda, como cursos de culinária, informática, artesanato, telemarketing e administração financeira. Além disso, oferece atendimento jurídico gratuito, emite comprovantes de residência, divulga vagas de emprego e realiza ações culturais e solidárias.

A UMCP também congrega outras entidades, como a Associação de Mulheres de Paraisópolis, fundada em 2006, que organiza congressos, palestras sobre saúde, passeatas contra a violência doméstica e campanhas de conscientização. A sede da organização abriga ainda dois instrumentos de comunicação comunitária: a rádio

"Nova Paraisópolis", inaugurada em 2010, e o jornal "Espaço do Povo", fundado em 2006.

Em 2025, observa-se um avanço significativo nas condições gerais da comunidade. Novos projetos foram criados e muitos dos já existentes passaram por aperfeiçoamentos. A pandemia de COVID-19, embora tenha escancarado a ausência histórica do poder público em favelas, também revelou a força das redes comunitárias locais.

Um dos marcos dessa mobilização foi a criação do projeto G10 Favelas, fundado em 2019 por Gilson Rodrigues, atual líder comunitário de Paraisópolis. O G10 surgiu com o propósito de transformar as favelas brasileiras a partir do desenvolvimento econômico, social e tecnológico. Composto por lideranças de dez grandes favelas do país, o grupo passou a implementar ações inovadoras na comunidade. Dentre as iniciativas mais relevantes, destaca-se o "Slum Summit", realizado pela primeira vez em 2019, reunindo mais de 1.200 participantes em Paraisópolis para discutir soluções voltadas às periferias.

Durante a pandemia, o G10 distribuiu milhões de marmitas e kits de higiene, além de lançar o projeto "Presidente de Rua", voltado para o monitoramento e o apoio aos moradores no combate ao contágio da COVID-19. Em 2021, a iniciativa ampliou sua atuação com o lançamento do serviço de logística "Favelas Brasil Xpress" e a criação da "Bolsa de Valores das Favelas", que conecta investidores a empreendimentos locais. Já em 2022, o grupo promoveu a "Semana das Favelas do Brasil" em Nova York, visitando instituições como a ONU e a Bolsa de Valores de NY (NYSE), enquanto, no Brasil, implementava o projeto "Agrofavela Refazenda", dedicado à instalação de hortas comunitárias.

Em 2023, o G10 consolidou seu Hub de Negócios, voltado à aceleração de startups e projetos de impacto social, e transformou o Slum Summit em um evento anual de referência. Segundo o próprio site do G10 Favelas (2024), a proposta do grupo é converter exclusão em oportunidade, por meio de políticas de inclusão, inovação e sustentabilidade.

Um dos serviços mais notáveis é o sistema logístico criado pelo grupo, que viabiliza a entrega de produtos em regiões antes inacessíveis por plataformas convencionais de e-commerce. O projeto estabeleceu endereços fixos para o recebimento de mercadorias, redistribuídas por moradores treinados e contratados,

familiarizados com os becos e vielas da comunidade. Essa rede não apenas facilita a circulação de bens de consumo, como também gera empregos e renda.

A Bolsa de Valores das Favelas, por sua vez, foi idealizada após a constatação, por parte de Gilson Rodrigues, de que o comércio local movimentava milhões de reais mensalmente. A proposta é conectar empreendedores das favelas a investidores interessados em fomentar negócios de impacto social.

Outros projetos vinculados ao G10 incluem:

- G10 Bank: iniciativa bancária que oferece serviços financeiros inclusivos aos moradores;
- Costurando Sonhos Brasil: voltado à capacitação de mulheres nas técnicas de corte, costura e design;
- Emprega Comunidades: plataforma que conecta desempregados a vagas e qualificações profissionais;
- Mãos de Maria: empreendimento social na área da alimentação que apoia mulheres em situação de vulnerabilidade;
- Agrofavela Refazenda: projeto que promove o cultivo de hortas comunitárias com enfoque em segurança alimentar.

Essas ações repercutiram amplamente e tornaram-se referência para lideranças de outras comunidades periféricas. Apesar das declarações de Gilson Rodrigues sobre a ausência de vínculos político-partidários, nota-se que o protagonismo comunitário, a visibilidade midiática e os apoios institucionais obtidos possuem implicações políticas indiretas.

Contudo, é preciso reconhecer que a atuação das igrejas também desempenha papel central nesse contexto. Em Paraisópolis, diversas igrejas — especialmente as pentecostais — desenvolvem atividades de assistência social que, embora não institucionalizadas sob a rubrica de “Ministério de Ação Social”, exercem impacto direto na vida dos moradores. Muitas delas distribuem alimentos, acolhem dependentes químicos, apoiam famílias em luto, e contribuem para a construção de vínculos sociais e espirituais. Em muitos casos, tais práticas não recebem nomenclaturas acadêmicas ou visibilidade midiática, mas integram redes de cuidado altamente eficazes.

Quando me tornei membro da Igreja Apostólica Tabernáculo da Glória, ingressei no ministério de jovens liderado pelo casal Anderson e Etieli. A dedicação de ambos ao acompanhamento da vida de cada jovem sempre foi admirável. Sua casa

se tornava ponto de encontro constante, um espaço seguro de escuta, aconselhamento e solidariedade prática. Jovens em situação de vulnerabilidade encontravam ali orientação e até mesmo ajuda financeira fornecida de maneira espontânea pelo casal. Esses momentos de partilha contribuíram significativamente para a formação moral e espiritual dos participantes. Embora atualmente Anderson e Etieli não frequentem mais a unidade de Paraisópolis, o legado de sua atuação permanece vivo na memória da comunidade. Muitos dos jovens que acompanharam continuam a se beneficiar das sementes lançadas por esse ministério local.

Paraisópolis é marcada por um contexto de múltiplas necessidades, mesmo entre pessoas que compartilham a mesma fé. No interior de uma mesma igreja, observam-se distintos níveis de poder aquisitivo. Nenhum membro é milionário, mas existem diferenças significativas: há quem não saiba o que comerá no dia seguinte e há quem possa colaborar financeiramente com os demais. Embora não haja condições de arcar com convênios médicos, muitos conseguem pagar consultas particulares populares. Em contrapartida, há quem não consiga sequer comprar medicamentos não oferecidos pela farmácia pública. Assim, há uma estratificação de carências dentro de um mesmo espectro de pobreza.

Essa realidade é confirmada por dados do Censo de 2010, que revela o perfil socioeconômico dos segmentos religiosos. De acordo com Jacob et al. (2003), enquanto os protestantes históricos mantêm níveis de renda e escolaridade superiores à média nacional, os pentecostais estão majoritariamente na base da pirâmide social: 63,7% ganham até um salário mínimo e 42,3% têm apenas o ensino fundamental incompleto. O pentecostalismo, portanto, se expande justamente entre os setores mais vulneráveis da população, nas periferias urbanas e em áreas onde o Estado se faz ausente (MARIANO, 2013, p. 129).

Apesar dessas condições adversas, as igrejas pentecostais atuam como redes de apoio mútuo, suprimindo lacunas deixadas pelo poder público. Por meio de ações solidárias internas, os próprios membros sustentam iniciativas de cuidado, assistência e acolhimento. Neste sentido, a igreja funciona como um refúgio comunitário.

Almeida & D'Andrea (2020) contribuem para essa análise ao destacar que Paraisópolis, apesar da imagem de favela, apresenta uma estrutura de oportunidades relativamente atípica. Sua localização e antiguidade favorecem a constituição de redes sociais consolidadas e capital social significativo. Isso a torna, para os muito pobres, uma alternativa estratégica de melhoria de vida. A comunidade possui uma

organização interna robusta, capaz de articular ações coletivas e resistir ao abandono estatal.

As igrejas pentecostais que atuam em Paraisópolis – como Assembleia de Deus Belém, Deus é Amor, Congregação Cristã e igrejas livres não afiliadas a convenções – têm ampliado sua visão sobre sua função social. No entanto, ainda há espaço para avanços, especialmente entre as igrejas independentes. É necessário mapear o que se pode chamar de "desigualdades dentro da desigualdade", ou seja, a multiplicidade de vulnerabilidades existentes mesmo entre os pobres.

Essa característica não é exclusiva de Paraisópolis. Como observa Ronaldo de Almeida (2011), a desigualdade social está territorializada na Região Metropolitana de São Paulo, onde os mais pobres vivem nas periferias e os mais ricos se concentram no centro urbano. Nesses territórios marginalizados, a atuação religiosa possui uma geopolítica própria.

Cunha e Wood (2019) apontam que a igreja deve conhecer estrategicamente a comunidade em que atua, partindo da premissa de que Deus já realiza boas obras por meio de diversas pessoas e estruturas locais – religiosas ou não. Para isso, deve-se estudar a dinâmica dos sistemas locais: educação, saúde, transporte, economia, segurança, entre outros. Assim, a atuação eclesial passa a dialogar com a realidade social de forma mais profunda.

Segundo Spyer (2020), o pentecostalismo tem sido capaz de mitigar os impactos da desigualdade em contextos de exclusão, violência e ausência de políticas públicas. Sua mensagem de mudança e reestruturação da vida possui apelo particular entre migrantes pobres e desamparados, como os trabalhadores nordestinos que se instalaram nas periferias urbanas. Ainda de acordo com o autor, é visível a transição de brasileiros populares do catolicismo para o protestantismo nas últimas décadas – fenômeno amplamente estudado pela sociologia da religião.

A pesquisa de Lucas Medrado (2016) revela um aspecto mais controverso da atuação pentecostal. Em sua obra *Cristianismo e Criminalidade*, ele analisa a convivência entre membros da igreja e do tráfico em comunidades marcadas pela violência. Um pastor entrevistado conhecia bem essa realidade, pastoreando tanto irmãos convertidos quanto integrantes do PCC. Embora esse não seja o caso específico de Paraisópolis, revela um espectro de atuação que se adapta aos diversos contextos da urbanização periférica brasileira.

Em Paraisópolis, a diversidade de denominações é notável, mas este estudo volta-se especificamente para as igrejas pentecostais, tendo como referência a Igreja Apostólica Tabernáculo da Glória. Mariana Picolotto (2021) apresenta uma interpretação discutível da origem do movimento ao associá-lo desde o início à teologia da prosperidade. Essa teologia é, na verdade, uma manifestação tardia do pentecostalismo, influenciada pelos tele-evangelistas norte-americanos nas décadas de 1960 e 1970, tendo como maior expressão no Brasil a fundação da IURD em 1977.

Historicamente, o pentecostalismo brasileiro tem origens mais complexas. A Congregação Cristã no Brasil foi fundada por Luigi Francescon em 1910, enquanto a Assembleia de Deus surgiu em 1911 por iniciativa de Vingren e Berg, missionários suecos. A herança sueca se traduziu em práticas de modéstia, cordialidade e simplicidade. No entanto, a atuação no Nordeste trouxe elementos do coronelismo para a estrutura eclesial. Como analisado por Antoniazzi et al. (1996), a combinação do ethos sueco e nordestino formou uma cultura pentecostal marcada pela disciplina e pela hierarquia rígida.

Paul Freston classifica o pentecostalismo brasileiro em três ondas históricas. A primeira ocorreu entre 1910 e 1950, com a fundação e consolidação da Congregação Cristã e da Assembleia de Deus. A segunda onda, iniciada em 1950, inclui denominações como a Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962), com ênfase em curas divinas e campanhas evangelísticas em massa. A terceira onda, entre o final dos anos 1960 e 1970, foi marcada pelo surgimento da IURD e do movimento neopentecostal, com forte presença midiática e empresarial. Uma quarta onda, marcada por tendências da Teologia da Libertação, também surgiu nos anos 1980, principalmente dentro do catolicismo, mas influenciando protestantes comprometidos com a justiça social.

Mariano (2013) apresenta outra perspectiva. Em sua tese, argumenta que o crescimento pentecostal no Brasil não pode ser atribuído apenas à pobreza, anomia ou migração. Ele defende que o êxito do movimento está ligado à organização, ao ativismo e à eficácia de suas lideranças e estratégias evangelísticas. O fim do monopólio católico com a separação entre Estado e Igreja permitiu a formação de um mercado religioso competitivo, no qual muitas lideranças pentecostais adotaram lógicas de gestão empresarial para garantir a expansão institucional.

Nesse cenário, Paraisópolis se destaca como uma comunidade acolhedora e combativa. A liderança local age com consciência crítica e reivindica seus direitos,

mesmo diante do descaso estatal. O pentecostalismo, com todas as suas contradições, atua de forma viva e relevante, adaptando-se às necessidades emergentes e se constituindo como um recurso espiritual e prático diante das adversidades.

O capítulo revela que o crescimento do pentecostalismo nas periferias não é fruto de acaso ou de carência apenas, mas de um conjunto de estratégias e características que conferem às igrejas capacidade de mobilização, acolhimento e transformação social. Encerramos este capítulo com a compreensão de que o pentecostalismo em Paraisópolis é uma realidade multifacetada, com raízes históricas, conexões culturais e impacto direto na vida dos seus moradores. No próximo capítulo, aprofundaremos a análise sobre como essas dinâmicas religiosas moldam a noção de cidadania e pertencimento em territórios periféricos.

### 3 FÉ E OBRAS

A relação entre o cristianismo, a dignidade humana e a responsabilidade social tem sido objeto de análise em diversas tradições teológicas e filosóficas. Conforme destacado por Barroso (2016, apud RJLB, 2020, p. 15), os fundamentos do conceito de dignidade humana, tal como compreendido na civilização ocidental, têm raízes profundas nas Escrituras judaico-cristãs. O autor afirma:

As ideias centrais que estão no âmago da dignidade humana podem ser encontradas no Velho Testamento. Segundo a Bíblia judaica, Deus criou o ser humano à própria imagem e semelhança (imago Dei) e impôs sobre cada pessoa o dever de amar seu próximo como a si mesmo. Essas máximas são repetidas no Novo Testamento cristão. Devido à sua influência decisiva sobre a civilização ocidental, muitos autores enfatizam o papel do cristianismo na formação daquilo que veio a ser conhecido como dignidade da pessoa humana, encontrando nos evangelhos elementos de individualismo, igualdade e solidariedade que foram fundamentais no desenvolvimento contemporâneo da sua abrangência.

A dignidade da pessoa humana, enquanto princípio norteador das relações sociais e jurídicas modernas, encontra eco não apenas nos tratados constitucionais, mas também nas práticas comunitárias orientadas pela fé. O envolvimento crescente da igreja com ações de responsabilidade social é um fenômeno que reflete a atualização contemporânea desse princípio. Ainda que alguns setores da sociedade interpretem esse engajamento como manifestação de interesses políticos, é inegável que ele emerge de fundamentos teológicos e doutrinários sólidos, como os presentes na Carta de Tiago.

A Epístola de Tiago, desde seu primeiro capítulo, propõe uma fé encarnada na vida prática, admoestando o cristão a viver coerentemente com o evangelho. A partir do capítulo 2, versículos 14 a 26, Tiago apresenta de forma enfática a inseparabilidade entre fé e obras: “Assim também a fé, se não tiver obras, está morta em si mesma” (Tg 2:17). Nessa passagem, o autor busca demonstrar que a fé verdadeira se manifesta por meio de ações concretas de justiça, caridade e amor ao próximo.

Essa argumentação gerou amplas discussões teológicas ao longo dos séculos. Alguns intérpretes consideram que Tiago estaria corrigindo uma suposta leitura antinomista dos escritos de Paulo, particularmente de sua doutrina sobre a justificação pela fé (Rm 3:28; Ef 2:8-9). No entanto, estudiosos contemporâneos como Gundry

(2008) argumentam que não há contradição entre os dois apóstolos, mas uma complementaridade hermenêutica: enquanto Paulo combate o legalismo, Tiago enfrenta o quietismo — a negligência das ações sob a justificativa de uma fé passiva e inoperante.

Segundo Carson, Moo e Morris (1997), a Carta de Tiago pode ser dividida em cinco grandes seções: (1) Provações e maturidade cristã (1:1-18); (2) O cristianismo verdadeiro revelado pelas obras (1:19–2:26); (3) Dissensões dentro da comunidade (3:1–4:12); (4) Implicações de uma cosmovisão cristã (4:13–5:11); (5) Exortações finais (5:12–20). Em sua segunda grande seção, Tiago sustenta que a fé que não produz frutos é estéril e insuficiente para conduzir o indivíduo à salvação, ao passo que a fé operante testemunha o amor de Deus no mundo.

Essa tensão teológica se reflete em interpretações diversas dentro do cristianismo. Para alguns, a ênfase paulina na fé pode ser mal interpretada como um convite à inação, ao passo que a ênfase de Tiago resgata a centralidade das ações éticas como expressão da espiritualidade cristã. Os autores sugerem que o discernimento deve considerar o contexto histórico: em tempos de legalismo religioso, a voz de Paulo se faz necessária; em tempos de imobilismo espiritual, é Tiago quem deve ser ouvido, como fizeram os irmãos Wesley no contexto do metodismo.

Bandinelli (2008, p. 99) aprofunda essa perspectiva ao destacar que Tiago, enquanto judeu convertido ao cristianismo, não oferece uma definição conceitual de fé, mas sim uma descrição prática. Em sua leitura, a fé judaica é tradicionalmente orientada pela obediência à Torá, e Tiago avança ao propor uma fé dinâmica, cuja plenitude é evidenciada pelas obras de amor, caridade, busca pela paz e submissão à vontade de Deus. Ele afirma: “O cristianismo não existe de fato quando crenças corretas ou declarações de fé são incapazes de gerar comportamentos morais, éticos e sociais coerentes, verificáveis nas escolhas cotidianas do crente.”

Esse princípio encontra ressonância nas práticas sociais da igreja, que, ao longo da história, assumiu um papel ativo na transformação de contextos sociais marcados pela pobreza, exclusão e violência. Cavalcante (1987) argumenta que os primeiros protestantes que chegaram ao Brasil não se limitaram à proclamação doutrinária, mas buscaram promover o progresso social e democrático, inspirando-se nos modelos de modernidade e desenvolvimento de outros países protestantes.

Há registros de que o protestantismo contribuiu significativamente para processos de industrialização, urbanização e formação de instituições sociais,

impactando diretamente a estrutura socioeconômica brasileira. Essa tradição transformadora da fé está ancorada na compreensão de que a igreja é, por excelência, uma agência da missão de Deus no mundo — um conceito-chave na Teologia da Missão.

Segundo Junior (2020), a missão da igreja é iniciada em Gênesis, quando Deus chama o ser humano para o cuidado da criação, e se consuma no Apocalipse, com a restauração de todas as coisas. Essa missão compreende não apenas a proclamação do evangelho, mas também a prática concreta de justiça, reconciliação e assistência aos vulneráveis. A coerência entre fé e obras, portanto, é o eixo central do testemunho cristão no mundo. Nesse sentido, Cirino, citado por Junior (2020, p. 52), alerta: “Nenhum pastor, nenhuma congregação ou denominação pode exercer um ministério que seja limitado exclusivamente aos problemas espirituais. Cada crente e cada igreja cristã está relacionada com a sociedade e seus problemas.”

Essa consciência comunitária e social desafia a igreja a romper com visões escapistas ou espiritualistas da fé, que negligenciam os sofrimentos concretos da população. A fé autêntica não é um assentimento intelectual a proposições doutrinárias, mas um compromisso ético que se desdobra em práticas de solidariedade.

O próprio livro de Provérbios (18:1-2), ao afirmar que “o solitário busca o seu próprio interesse e insurge-se contra a verdadeira sabedoria”, aponta para a inadequação de uma espiritualidade isolada, descolada da realidade comunitária e social. A fé solitária, desprovida de obras, denuncia um coração desconectado dos valores centrais do evangelho.

É nesse contexto que a atuação da igreja em comunidades como Paraisópolis adquire uma importância singular. A prestação de serviços sociais, o acolhimento a dependentes químicos, a mediação de conflitos familiares e a formação ética de jovens são manifestações contemporâneas da fé operante descrita por Tiago. Cada projeto, cada visita pastoral, cada campanha de arrecadação de alimentos ou roupas, cada grupo de apoio é uma expressão concreta da fé encarnada no cotidiano.

Portanto, a dignidade humana não é apenas um conceito jurídico, mas uma experiência vivida no seio da comunidade de fé. A igreja, ao exercer sua vocação diaconal, reafirma o valor inalienável de cada pessoa, feita à imagem de Deus, e se torna sinal visível do Reino que está por vir. Essa prática é, ao mesmo tempo,

resistência ao individualismo contemporâneo e testemunho de que outra forma de viver — baseada na justiça, no cuidado e no amor mútuo — é possível e desejável. Em conclusão, a Carta de Tiago desafia o cristianismo contemporâneo a alinhar sua confissão com sua conduta, sua ortodoxia com sua ortopraxia. A dignidade da pessoa humana, longe de ser apenas um princípio abstrato, ganha forma e força no testemunho prático das igrejas que atuam como agentes de transformação em contextos de vulnerabilidade. A fé, sem obras, é morta — e é na prática do amor que se revela a verdadeira espiritualidade cristã.

## 4 ATUAÇÃO DA IGREJA NA COMUNIDADE

A relevância da atuação dos jovens dentro das diversas unidades da Igreja Tabernáculo é inegável. Na sede, há um espaço denominado "Arena Jovem", onde ocorrem os encontros e eventos voltados para a juventude. Esse ministério é liderado por Fábio Rodrigues, filho do Pastor Edson, e sua esposa, que vêm desenvolvendo ações estratégicas voltadas à formação espiritual, emocional e comunitária da juventude local.

Segundo o próprio Pastor Edson Rodrigues, a igreja tem sido marcada por episódios de cura e restauração, especialmente na esfera familiar. Casamentos desfeitos foram reconstruídos, famílias restauradas e vínculos reatados, configurando um campo fértil para a atuação do evangelho de forma prática. O crescimento da igreja tem chamado a atenção de líderes de outras denominações que visitam a sede com o intuito de compreender a visão e os métodos utilizados. Contudo, o pastor afirma que nenhum método extraordinário está sendo empregado; atribui os frutos observados à ação divina e à bondade de Deus.

A unidade localizada em Paraisópolis, bairro situado na Zona Sul da cidade de São Paulo, nas proximidades da região de Vila Andrade, é pastoreada por Edson Rodrigues. Os cultos são realizados às terças e sextas-feiras à noite, e aos domingos em dois períodos. Às segundas-feiras, há um momento de oração comunitária no templo. A história dessa unidade começou de forma semelhante à da sede: os cultos foram iniciados na casa da irmã Selma, atualmente diaconisa da igreja. Com o aumento da participação, migraram para um espaço provisório que comportava até vinte pessoas, e depois para outro ponto maior. Por fim, a igreja se estabeleceu definitivamente na Rua Manoel Antônio Pinto.

A atuação e a estrutura da Igreja Tabernáculo de Paraisópolis envolvem múltiplos ministérios, entre os quais: obreiros, ministério infantil (Kids), mídia, projeto "Alimente mais um", diaconato, evangelismo, louvor, juventude e visitas domiciliares. Nossa atuação nessa unidade começou em 2021, com visitas esporádicas nos primeiros meses do ano, ainda em meio à pandemia de COVID-19. Entre abril e junho, passamos a frequentar os cultos com mais regularidade e, posteriormente, tornamo-nos membros da igreja.

Nosso primeiro contato efetivo foi em um culto jovem, realizado em um sábado, com a presença de um pregador convidado. Iniciamos nossa participação no

ministério de mídia, auxiliando na elaboração de slides e projeções durante os cultos, utilizando o Canva — ferramenta até então desconhecida por nós, mas que aprendemos a manusear por necessidade e prática. Essa experiência foi não apenas útil à igreja, mas também aplicável à vida acadêmica.

À época, o ministério de jovens era liderado pelo casal Anderson e Etiele, que se dedicaram com afinco à formação espiritual e social dos jovens. Acolhiam em sua casa aqueles que passavam por dificuldades, oferecendo orientação, apoio e cuidado. Dentre os jovens impactados por esse trabalho, destacamos Roberta Oliveira Alves de Camargo, hoje líder de jovens ao lado de seu esposo. Com seis anos de participação na igreja, Roberta relata que experimentou mudanças significativas em sua saúde emocional, espiritual e em seus relacionamentos familiares, além de vivenciar milagres financeiros. Segundo ela, a principal contribuição do trabalho de liderança juvenil é a empatia e a construção de comunhão, pois os jovens precisam saber que não estão sozinhos em suas jornadas.

A atuação da Igreja Tabernáculo na comunidade de Paraisópolis vai além da esfera espiritual. Há um compromisso social concreto, materializado na entrega de cestas básicas, marmitas e apoio a famílias em situação de vulnerabilidade. A igreja tornou-se, assim, um ponto de encontro, socialização, comunhão e suporte educacional por meio do ensino religioso.

Ao iniciar a faculdade no segundo semestre de 2021, nossa percepção sobre a atuação da igreja na comunidade se ampliou. A convivência com colegas, a leitura de textos acadêmicos e as discussões em sala de aula proporcionaram uma nova compreensão sobre a influência social da instituição religiosa. Observamos também que muitos jovens oriundos de igrejas com tradições rígidas, como algumas vertentes da Assembleia de Deus, estranhavam inicialmente a estética da igreja, como suas paredes pretas — algo incomum no imaginário evangélico tradicional. Também nós, em um primeiro momento, estranhamos esse ambiente, pois representava uma ruptura com o modelo de religiosidade no qual fomos formados.

A igreja tem sido palco de transformações profundas. Jovens que se encontravam distantes da fé cristã reencontraram sentido em sua espiritualidade dentro daquele espaço. O casal pastoral, Edson e Lourdes, manteve-se presente, atuante e acessível, oferecendo aconselhamento informal, acolhimento e orientação espiritual. Ao término dos cultos, era comum ver fiéis aguardando para conversar com

eles. Não havia pressa, tampouco limitações temporais — o cuidado com as almas sempre foi a prioridade.

Um dos valores centrais percebidos é a ênfase na preservação e formação de famílias. O trabalho com os jovens também promove a formação de habilidades interpessoais, oratória, organização e senso de pertencimento. A infraestrutura do ministério de mídia disponibiliza aparelhos modernos para gravação de vídeos, sonorização e transmissão de cultos. Jovens são capacitados gratuitamente para operar esses recursos. Um adolescente de 14 anos que aprende a manusear câmeras, iluminação, mesas de som e aplicativos de edição adquire, na prática, habilidades que em outros contextos exigiriam investimento financeiro significativo.

O ministério infantil proporciona refeições de qualidade às crianças durante os cultos, permitindo que seus responsáveis possam participar das atividades com tranquilidade. O ministério de obreiros é responsável por funções essenciais como recepção, organização do templo, higienização de banheiros, entrega de envelopes de dízimo e oferta, distribuição da ceia e acompanhamento de visitantes.

O ministério de visita aos lares atua junto às famílias indicadas pelo pastor ou por membros que identificam situações que demandam cuidado. Esses encontros incluem orações, aconselhamento e, em alguns casos, momentos de libertação espiritual. É comum ouvir testemunhos de famílias transformadas após essas visitas, que passam a frequentar os cultos e a integrar a comunidade de fé.

A integração entre os ministérios e a atuação coordenada dos membros revelam uma dinâmica que, embora informal, apresenta alto potencial de transformação social e espiritual. É nesse sentido que compreendemos a participação da igreja como parte da Missão de Deus no mundo. Embora Ele não tenha encontrado mérito algum em nós, fez-se homem e, participando da humanidade, nos reconciliou consigo. Assim também somos chamados a participar da vida do outro, como agentes da mesma reconciliação.

A fé cristã não se encerra em dogmas; ela se concretiza em ações. E, mesmo quando a convivência comunitária parece difícil (com suas tensões, medos e angústias), o isolamento jamais será a resposta. O paradoxo da fé é justamente esse: para amar e servir, precisamos estar com o outro.

A igreja também promove mensalmente o culto de mulheres, convidando uma irmã de fora da membresia para trazer a mensagem. Nesses encontros, são sorteados brindes preparados com carinho pelas obreiras. Cada participante recebe um número

ao entrar, que será vinculado a um dos presentes. Recordo-me do primeiro culto de mulheres, quando recebi um colar com pequenos corações — simples, mas cheio de significado, como uma expressão visível de cuidado. A alegria no rosto das participantes é sempre evidente, pois cada detalhe é pensado com zelo.

Aos domingos, a Escola Dominical e o discipulado são ministrados por Gustavo e Roberta, que dedicam tempo e atenção à preparação do conteúdo bíblico. O esforço do casal é notável e contribui não apenas para o crescimento espiritual da membresia, mas também para a consolidação da identidade doutrinária da igreja.

A unidade Tabernáculo de Paraisópolis encontra-se próxima ao Jardim Vazame, nos limites da região do Morumbi com Embu das Artes, o que acentua sua condição de ponte entre áreas socialmente desiguais. Sua presença na comunidade, marcada por ações de cuidado, discipulado e formação, oferece uma alternativa concreta de esperança e transformação.

Sugere-se que a entrevista com Roberta Oliveira seja inserida em anexo ao trabalho, para garantir coesão na estrutura textual. A expressão "namoro sem casamento" refere-se a relacionamentos amorosos não formalizados dentro dos parâmetros tradicionais do casamento cristão. Essa situação, muitas vezes, é alvo de aconselhamento pastoral, não por imposição normativa, mas por orientação bíblica e ética.

Desse modo, observamos que a atuação da igreja vai além da esfera litúrgica. Ela se estabelece como um organismo vivo, atuante, presente e responsivo às necessidades da comunidade. O testemunho de fé, nesse contexto, não é restrito ao púlpito, mas se revela nos gestos simples, nas palavras de acolhimento, nas orações realizadas em lares humildes e no esforço contínuo de ser luz em meio às sombras da cidade.

A Igreja Tabernáculo de Paraisópolis é, portanto, uma expressão concreta da fé que se traduz em ação. Trata-se de uma fé que não se restringe ao discurso, mas que se manifesta por meio de práticas visíveis no cotidiano da comunidade. É uma fé que se doa, que acolhe, que atua com coragem e comprometimento, mesmo em meio às adversidades. Não é uma fé que espera o momento ideal, mas sim que reconhece a urgência do presente como campo legítimo de ação cristã.

Essa igreja local tem se tornado, ao longo do tempo, uma referência comunitária por meio de suas atividades sociais, espirituais e formativas. A unidade de Paraisópolis, embora com estrutura modesta, integra-se a um projeto mais amplo

cujo centro organizacional está localizado na sede da Igreja, situada em Taboão da Serra. Essa unidade central oferece, além dos cultos regulares, diversos serviços de apoio e formação que podem ser usufruídos por qualquer membro, independentemente da unidade à qual pertença.

Entre os serviços disponibilizados pela sede, destacam-se as aulas de artes marciais e de futebol. Essas práticas esportivas não têm apenas o objetivo de proporcionar atividade física, mas também funcionam como estratégias de integração, desenvolvimento da disciplina e afastamento de jovens e crianças de contextos de vulnerabilidade. A inserção desses jovens em ambientes educativos e saudáveis permite que a igreja atue como espaço de prevenção social, colaborando com o fortalecimento da dignidade humana e do sentimento de pertencimento.

Outra ação que evidencia a dimensão integradora da fé é o culto de homens, realizado também na igreja sede. Este culto, voltado ao fortalecimento espiritual e relacional entre os membros do sexo masculino, é promovido em um ambiente informal e acolhedor. Além das reflexões bíblicas, há dinâmicas sociais, como a disponibilização de jogos de tabuleiro e um momento de comunhão regado a comes e bebes. O destaque especial fica para a presença do grupo musical "Samba que Salva", que entoa louvores ao som do samba, conectando tradição musical popular brasileira com a vivência comunitária cristã.

Essas práticas demonstram como a igreja consegue dialogar com a cultura local e proporcionar alternativas saudáveis de socialização. Ainda que alguns jovens da unidade Paraisópolis estejam atualmente vinculados profissionalmente à sede em Taboão da Serra, é importante destacar que as realidades socioculturais desses territórios são distintas. Paraisópolis, como uma das maiores comunidades urbanas de São Paulo, impõe desafios específicos, como a desigualdade social, o déficit habitacional e as tensões urbanas cotidianas. Nesse contexto, a atuação da igreja se molda às necessidades reais da população, o que justifica a sua crescente relevância para os moradores da região.

Ao refletir sobre a natureza dessa atuação, torna-se pertinente recuperar a fala do pastor batista John Piper, segundo a qual não se pode dissociar o amor ao próximo da adoração a Deus. Piper (2024, p. 147) enfatiza que toda boa ação, se não for motivada pelo desejo de conduzir as pessoas à vida eterna, revela-se incompleta. Ele afirma que não importa quanta bondade o rosto de alguém transmita: se suas ações não forem orientadas para a salvação, são moralmente vazias do ponto de vista

cristão. Essa provocação teológica exige um reposicionamento da fé cristã na sociedade contemporânea: ela não pode se satisfazer apenas com ações sociais; estas devem estar conectadas a um compromisso espiritual mais profundo.

Com base nessa visão, a Igreja Tabernáculo de Paraisópolis reafirma o papel transformador da fé que se compromete. Sua atuação não é fruto de estratégias de marketing eclesial ou de métodos importados de outras igrejas de crescimento rápido. Pelo contrário, como afirmam Cunha e Wood (2019, p. 117), o desenvolvimento comunitário cristão se dá pela participação ativa das pessoas e não por ações unilaterais das lideranças. Quando se entende que Deus criou o ser humano para participar com Ele do cuidado com a criação, compreende-se também que a comunidade eclesial precisa caminhar junto com a população, e não acima dela.

Esse princípio participativo é, por vezes, difícil de ser assimilado por lideranças e igrejas, especialmente no Brasil, onde modelos de autoridade autocráticos ainda são predominantes. A resistência em descentralizar o poder e estimular a participação ativa dos membros se revela como um entrave para o pleno desenvolvimento eclesial. Entretanto, a Igreja Tabernáculo rompe com essa lógica ao promover a autonomia de seus ministérios, ao incentivar a formação de lideranças locais e ao reconhecer a importância do serviço voluntário no cotidiano das ações religiosas.

O crescimento físico da igreja também ilustra sua expansão espiritual e social. Localizada próxima a uma das entradas principais de Paraisópolis, a Igreja ocupa hoje dois andares de um pequeno prédio de três pavimentos. Inicialmente, apenas o térreo era utilizado, mas a ampliação do número de fiéis e de atividades obrigou a aquisição do andar superior. Esse movimento simbólico de “subir” para um novo espaço reflete o amadurecimento da igreja e sua disposição em atender às diversas demandas que surgem com o tempo.

Nesse sentido, a comunidade religiosa não se limita ao culto como evento, mas se transforma em um organismo vivo, que responde, acolhe, orienta e promove. Com ações que vão da ministração de estudos bíblicos ao ensino de crianças, da assistência a famílias em crise à oferta de momentos de lazer e comunhão, a igreja se consolida como um centro espiritual, social e educativo dentro da favela de Paraisópolis.

Por fim, é fundamental destacar que a Igreja Tabernáculo de Paraisópolis não representa um projeto finalizado ou uma estrutura perfeita. Pelo contrário, sua força está justamente em seu caráter em construção. Cada culto, cada visita, cada oração

feita no lar de um morador, cada capacitação de jovens para uso de tecnologias, cada atividade infantil, cada cuidado com a limpeza do templo ou preparo de alimentos — todos esses atos constroem diariamente a identidade da igreja como um espaço de serviço, de espiritualidade e de esperança.

É nesse espírito de continuidade, de missão em movimento e de fé encarnada no cotidiano, que caminhamos para as considerações finais deste trabalho. A análise realizada permite compreender que a fé cristã, quando vivida em sua dimensão comunitária, participativa e comprometida com o bem comum, tem potencial real de transformação. A Igreja Tabernáculo de Paraisópolis é um exemplo desse processo — não como um modelo a ser replicado mecanicamente, mas como uma manifestação local de uma fé viva e em constante diálogo com as necessidades do seu tempo e território.

## CONCLUSÃO

Em nossa pesquisa, buscamos compreender as possíveis transformações produzidas pela vivência de pessoas que se dispõem a integrar uma igreja pentecostal situada na comunidade de Paraisópolis, em São Paulo. O foco não esteve apenas nos aspectos religiosos internos ou nas manifestações litúrgicas que marcam esse segmento do cristianismo, mas nas experiências concretas, nas relações interpessoais e nas redes de apoio formadas em torno dessas igrejas. Observamos que, ao se engajarem gradativamente com a comunidade de fé, muitas dessas pessoas passam a vivenciar melhorias significativas em suas trajetórias individuais e coletivas, tornando-se, por sua vez, sujeitos ativos na promoção de transformações similares na vida de outras pessoas ao seu redor.

Como apontado anteriormente, o Pentecostalismo tem sido amplamente analisado por estudiosos de diversas áreas do conhecimento. Desde meados do século XX, pesquisadores da Sociologia, Antropologia, História, Teologia, Psicologia e Ciência da Religião se dedicam a estudar os contornos e os desdobramentos desse fenômeno religioso, que representa uma das expressões mais dinâmicas e influentes do cristianismo contemporâneo. Os debates são numerosos e envolvem tanto críticas quanto elogios: de um lado, o destaque à intensidade emocional dos cultos, à ênfase na cura divina e aos relatos de milagres; de outro, discussões sobre manipulação de fiéis, ausência de reflexão teológica sistemática ou práticas proselitistas questionáveis.

Uma questão constante nos estudos sobre o Pentecostalismo é a definição do que significa "ser pentecostal". Com o surgimento de diversas correntes — entre elas o Pentecostalismo clássico, o neopentecostalismo e o chamado movimento carismático — a unidade conceitual foi sendo diluída. Tornou-se cada vez mais necessário distinguir entre as práticas fundacionais do movimento e suas atuais manifestações, muitas vezes distintas entre si. A literatura, nesse contexto, buscou resgatar as características originais do Pentecostalismo clássico: a centralidade do batismo no Espírito Santo, a glossolalia (falar em línguas), a crença em dons espirituais como profecias, curas e visões, além de uma postura evangelizadora intensa e cotidiana.

A partir dessas categorias, procuramos compreender o crescimento do Pentecostalismo em regiões periféricas, como Paraisópolis, e sua relação com os

setores historicamente marginalizados da sociedade. Nesse sentido, os dados empíricos da nossa pesquisa se somam à vivência pessoal da pesquisadora, cuja trajetória religiosa teve início ainda na infância, dentro da Igreja Pentecostal Deus é Amor. Ali, experiências espirituais intensas, como vigílias de oração, jejum e batismo, foram vividas em diferentes unidades da igreja, tanto na cidade de São Paulo quanto em municípios vizinhos. A pesquisadora presenciou cultos na sede da igreja, liderados pelo fundador David Miranda, e acompanhou de perto a dinâmica dos cultos, a adesão popular e o acolhimento às diferentes histórias de vida que se cruzavam naquele espaço.

Essa experiência direta nos permite refletir criticamente sobre um ponto importante: as pessoas que frequentam igrejas pentecostais, especialmente nas periferias, muitas vezes não se percebem (e nem desejam ser percebidas) como objetos de estudo. São sujeitos de fé, de ação, de transformação. Quando adentram os templos, não o fazem por desespero ou ignorância, como muitas análises reducionistas sugerem, mas por uma multiplicidade de razões que incluem experiências místicas, pertencimento comunitário, desejo de mudança, busca por sentido, por cura ou reconciliação. Apesar das estatísticas que comprovam a concentração do público pentecostal nas periferias urbanas, é incorreto generalizar as motivações dos fiéis apenas com base na condição socioeconômica. Há, sim, pentecostais com boas condições de vida e alto grau de escolaridade.

A Igreja Apostólica Tabernáculo da Glória, situada em Paraisópolis, reflete essas múltiplas dimensões. Sua atuação vai muito além dos cultos e orações. As ações promovidas por seus membros revelam um compromisso constante com o bem-estar da comunidade local. Isso se evidencia, por exemplo, na oferta de cestas básicas para famílias em vulnerabilidade, nas aulas de reforço para crianças, no ensino de música e em outras formas de capacitação que ocorrem dentro dos ministérios da igreja. Muitos desses saberes adquiridos no ambiente eclesial são posteriormente aplicados em contextos externos, inclusive profissionais.

Destacamos, a título de exemplo, o trabalho realizado pelo ministério de mídia da igreja, que oferece a jovens e adultos o manuseio de equipamentos tecnológicos como câmeras, microfones, projetores e softwares de edição. Em uma comunidade como Paraisópolis, onde o acesso a esses dispositivos muitas vezes é limitado, esse contato constitui uma oportunidade de formação prática. Jovens de treze ou catorze anos, ao aprenderem a operar esses aparelhos, desenvolvem habilidades técnicas

que podem, inclusive, ser monetizadas futuramente. O mesmo ocorre com o ministério de louvor, onde o aprendizado sobre equipamentos de som e a vivência em equipe fortalecem competências como liderança, organização e criatividade.

Outro exemplo significativo é o ministério de visita aos lares. Por meio dele, grupos de membros voluntários se organizam para visitar famílias da comunidade, oferecendo apoio espiritual, oração, escuta ativa e, muitas vezes, ajuda material. Essa prática contribui não apenas para o fortalecimento da fé, mas para a construção de vínculos afetivos e a ampliação da capacidade de se relacionar com o outro. Cada visita torna-se uma oportunidade de exercitar a empatia, a solidariedade e a escuta sensível. É um processo formativo contínuo, em que o membro da igreja, ao mesmo tempo em que serve, é também servido e moldado por esse contato.

A própria existência da igreja, em sua forma mais ampla, pode ser compreendida como uma ação social constante. Embora muitas denominações criem departamentos específicos de ação social, o cotidiano de uma comunidade eclesial pentecostal já pressupõe a mutualidade, a cooperação e a assistência entre os membros. Mesmo quando não há uma estrutura institucional formalizada para a ação social, a prática do cuidado, do acolhimento e da partilha está presente. Essas ações, ainda que não nomeadas como tal, não são irrelevantes: são, ao contrário, centrais para a vida cristã e para a constituição do que chamamos de igreja.

Dessa forma, a Igreja Tabernáculo da Glória em Paraisópolis exemplifica como uma fé encarnada, vivida e compartilhada pode atuar como força de transformação. Sua inserção na comunidade não é apenas religiosa, mas também cultural, educativa, assistencial e afetiva. Ela acolhe sujeitos em crise, acompanha processos familiares, orienta jovens, dá visibilidade às mulheres, ensina crianças e oferece oportunidades para o desenvolvimento humano em sua totalidade.

A linguagem adotada nos cultos também contribui para esse processo de acolhimento. Ao utilizar expressões do cotidiano, ao se comunicar de forma acessível e próxima, os líderes da igreja constroem pontes entre o universo religioso e a realidade concreta da comunidade. O uso da linguagem popular nos sermões e nas interações ajuda a romper barreiras simbólicas, facilita a compreensão das mensagens bíblicas e possibilita maior identificação por parte dos fiéis.

Ao longo da pesquisa, foi possível perceber que a igreja também atua como um espaço de reelaboração de subjetividades. Os relatos colhidos junto aos membros demonstram que muitos deles se enxergam de forma diferente após passarem a

integrar a comunidade de fé. Há uma ressignificação da própria história de vida, uma reconfiguração das expectativas e das metas pessoais. Esse processo de reconstrução subjetiva é especialmente importante em contextos marcados pela exclusão, onde as possibilidades de ascensão social são limitadas e os jovens, muitas vezes, enfrentam dificuldades para projetar um futuro.

Portanto, o presente trabalho teve como objetivo analisar de que forma a Igreja Apostólica Tabernáculo da Glória serve à comunidade de Paraisópolis e quais são as motivações e desdobramentos dessa atuação. Observamos que, por meio de uma fé prática e relacional, a igreja opera como instância mediadora entre o sagrado e o social, entre o culto e a vida cotidiana. Sua existência refuta o estigma de alienação que muitas vezes recai sobre as religiões pentecostais e evidencia o potencial transformador que emerge do encontro entre espiritualidade, afeto, cuidado e compromisso comunitário.

Ao nos aproximarmos da conclusão desta pesquisa, é importante refletir não apenas sobre os achados, mas também sobre os limites e as possibilidades que se abrem a partir deles. Como pesquisadores e sujeitos imersos na realidade estudada, somos desafiados a repensar as fronteiras entre academia e fé, entre teoria e prática, entre o que se analisa e o que se vive. A igreja, enquanto espaço de formação e transformação, convida todos (inclusive os estudiosos) a participar, observar e aprender com suas práticas cotidianas. A experiência de fé, como nos mostrou a comunidade de Paraisópolis, não é apenas uma crença interior, mas uma ação visível, concreta e coletiva, que ressoa nas vidas e nos territórios onde se manifesta.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ronaldo de. Religião e desigualdade urbana. *Interseções*, v. 13, n. 1, p. 126 -135, jan.-jun. 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=41276395009>. Acesso em: 10 maio 2025.

ALMEIDA, Ronaldo de; D'ANDREA, Tiaraju. **Pobreza e redes sociais em uma favela paulistana**. *Novos Estudos*, n. 68, p. 94-95, 2020.

ANTONIAZZI, et. Al., **Nem Anjos nem demônios**: interpretações sociológicas do pentecostalismo. 2ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

BENDINELLI, Julio Cesar. Por acaso a fé pode salvar? Uma reflexão sobre fé e obras para o contexto teológico atual, a partir da Carta de Tiago. *Reflexus*, [S.l.], v. 2, n. 2, p. 99, 2008. Disponível em: <https://sumarios.org/artigo/por-acaso-f%C3%A9-pode-salvar-uma-reflex%C3%A3o-sobre-f%C3%A9-e-obras-para-o-contexto-teol%C3%B3gico-atual-partir>. Acesso em: 12 mai. 2025.

BORGES, Andréa Maria Abreu. **A dois passos do paraíso?** Análise sobre a construção da favela Paraisópolis (São Paulo-SP) como destino turístico. 2012. Dissertação (Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais) — Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2012. Orientadora: Professora Doutora Bianca Freire-Medeiros.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada: Nova Versão Internacional**. São Paulo: Editora Vida, 2000. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/nvi/pv/18>. Acesso em: 12 maio 2025

CARSON, Donald A. et al. **Introdução ao Novo Testamento**. Vida Nova, 1997.

CAVALCANTI, Robinson. **Igreja: agência de transformação histórica**. São Paulo: Vinde, 1987.

CUNHA, Maurício José Silva. **O Reino entre nós: transformação de comunidades pelo evangelho integral**. Viçosa: Editora Ultimato, 2003.

FIGUEIREDO, Ana Carolina Carvalho. **Habitação social e o Programa de Urbanização de Favelas**: o Conjunto Paraisópolis, em São Paulo: IL COMPLESSO

PARAISÓPOLIS. **Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online)**, São Carlos, Brasil, v. 19, p. 1–15, 2021. DOI: [10.11606/1984-4506.risco.2021.159431](https://doi.org/10.11606/1984-4506.risco.2021.159431). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/risco/article/view/159431>. Acesso em: 12 maio. 2025.

G10 FAVELAS. **Sobre nós**. Disponível em: <https://g10favelas.com.br/sobre-nos/>. Acesso em: 30 abr. 2025.

GUNDRY, Robert Horton. **Panorama do Novo Testamento**. Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1998.

MEDRADO, Lucas. **Cristianismo e criminalidade**: a adesão de bandidos ao universo cristão pentecostal. 1. ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2016.

MARIANO, Ricardo. Mudanças no campo religioso brasileiro no Censo 2010. **Debates do NER**, Porto Alegre, v. 2, n. 24, p. 119–137, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/43696>. Acesso em: 10 maio 2025

MARIANO, Ricardo. **Análise sociológica do crescimento pentecostal no Brasil**. 2001. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Acesso em: 12 maio 2025.

MAFFRA, Luciana de Queiroz Telles. **Paraisópolis**: impressões visuais e sonoras. 2012.

PICOLOTTO, Mariana Reinisch. **O pentecostalismo no Brasil**: uma reflexão sobre novas classificações. Revista Contraponto, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 1, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/contraponto/article/view/65741>. Acesso em: 12 maio 2025.

PIPER, John. **Não jogue sua vida fora**. Tradução de Hope Gordon Silva. 3. ed. Rio de Janeiro: Cultura Cristã, 2024.

PIRES, Adão de Souza; POZZOLI, Lafayette. A dignidade da pessoa humana na história e no direito: aspectos de tempo e espaço. **Revista Jurídica Luso-Brasileira (RJLB)**, ano 6, n. 6, p. 1-16, 2020.

SEVENIATG. **Folder digital elaborado pela equipe de mídia da Igreja Tabernáculo da Glória**. Instagram: imagem. 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/seveniatg/>. Acesso em: 14 maio 2025.

SOARES, Ana Júlia Firmiano et al. **Do evangelho à prosperidade: a transição da teologia da libertação para o neopentecostalismo no brasil**. Revista Tópicos, v. 3, n. 20, p. 1-14, 2025.

SPYER, Juliano. **Povo de Deus**: quem são os evangélicos e por que eles importam. São Paulo: Geração Editorial, 2020.

VIEIRA, Tuca. **Paraisópolis**. 2004. Disponível em: <https://www.tucavieira.com.br/paraisopolis>. Acesso em: 13 maio 2025.